

Anarquismo, Racismo e luta de classes



2014

ANARQUISMO, RACISMO E LUTA DE CLASSES

Originalmente publicado em Red & Black Revolution, no. 4, a revista teórica do Workers' Solidarity Movement of Ireland. (www.wsm.ie). Editado pelo ex-Workers' Solidarity Federation of South Africa (www.struggle.ws/wsfsf.html), distribuído por Zabalaza Books (www.zalabazabooks.net) e traduzido para o português pelo Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí (www.anarquistas-pi.blogspot.com).



GEAPI - Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí

<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br>

geapi.phb@riseup.net

2014

SUMÁRIO

Como o Racismo pode ser derrotado?	05
As raízes do racismo	05
Raça e Império	09
Racismo hoje.....	10
Quem se beneficia?.....	12
Por que ideias racistas são aceitas?	14
O Oprimido dividido	16
Luta contra o racismo	17
Nossas tarefas	18

Como o Racismo pode ser derrotado?

Uma resposta a esta questão exige uma análise das forças que lhe deram origem, e continuam a reproduzir o racismo. Também requer uma análise cuidadosa de quais forças sociais beneficiam-se da opressão racial.

Por racismo, entende-se tanto como uma atitude que nega a igualdade de todos os seres humanos, ou a discriminação econômica, política e social contra grupos raciais.

As raízes do racismo

O capitalismo se desenvolve como um sistema mundial baseado na exploração dos trabalhadores, escravos e camponeses - preto, marrom, amarelo e branco. Nos séculos XVI e XVII, o jovem sistema capitalista centrado principalmente na Europa Ocidental e nas Américas. Nos séculos XVIII e XIX, a África e a Ásia foram levadas cada vez mais para o âmbito do poder capitalista.

Nas Américas, os vastos sistemas de plantio foram criados. Com base na escravidão, eram as empresas capitalistas exportadoras de bens agrícolas. Foi no sistema de escravidão que a gênese do racismo pode ser encontrada. Nas palavras do estudioso caribenho, Eric Williams:

“A escravidão não nasceu do racismo: em vez disso, o racismo foi a consequência da escravidão”¹

¹ Eric Williams, 1944, *Capitalism and Slavery*. Andre Deutsch. p. 17. Veja também Peter Fryer, 1988, *Black People in the British Empire*. Pluto Press. Capítulo 11.

Inicialmente, as plantações baseadas em mão de obra escrava não estavam organizadas em linhas raciais. Embora os primeiros escravos nos territórios espanhóis nas Américas, eram geralmente nativos americanos, a escravidão era restrita (pelo menos oficialmente) para aqueles que resistiam em não se converter ao cristianismo.

Os nativos americanos foram sucedidos por pobres europeus. Muitos destes trabalhadores só foram escravizados por um período limitado, como servos servindo através de contratos de até dez anos ou mais. Outros foram presos condenados por crimes como roubo de roupas, ou prisioneiros de guerra contra as revoltas e a colonização de áreas como a Irlanda e Escócia.

No entanto, havia também um número substancial de escravos europeus ao longo de toda sua vida, e até mesmo entre os que eram contratados, um número substancial havia sido sequestrado e vendido à escravidão².

As condições no “*Middle Passage*” (a viagem de travessia do Atlântico) para esses servos e escravos contratados eram, nas palavras de Williams, tão ruins que eles deveriam “*esquecer todas as ideias de que os horrores do navio de escravos deveria, ser de alguma forma, representada pelo fato de que as vítimas eram negras*”³.

Mais de metade dos imigrantes ingleses nas colônias americanas no século XVI foram contratados como servos⁴, e até década de 1690, ainda haviam muito mais europeus não-livres nas plantações da América do Sul do que escravos negros⁵.

² Williams não leva suficientemente em conta a instituição da escravidão ao longo da vida entre os brancos.

³ Williams, p. 14.

⁴ Williams, p. 10.

⁵ Leo Huberman, 1947, *We, the People: the drama of America*. Monthly Review Press. P. 161.

Ideias racistas foram desenvolvidas no contexto do comércio escravagista dos séculos XVII e XVIII. Nesse período, o povo africano veio a ser a principal fonte de escravos para o trabalho nas plantações.

Os sistemas de controle social estabelecidos para trabalho escravo americano e europeu foram agora aplicados aos africanos.

A principal razão para esta mudança, para escravos africanos, foi que esses escravos foram obtidos baratos o suficiente, e em número suficiente, para atender às necessidades de expansão das plantações capitalistas⁶. As classes dominantes da África desempenharam um papel central no comércio de escravos, altamente rentável:

“O comércio era... um comércio Africano até atingir a costa. Só muito raramente foram os europeus envolvidos diretamente na aquisição de escravos, e que, em grande parte na Angola”⁷.

É no século XVII que a ideologia racista começou a ser desenvolvida pela primeira vez por esses grupos de *“plantadores britânicos de açúcar no Caribe, e os seus porta-vozes na Grã-Bretanha”*, que vincularam à diferenças na aparência física para desenvolver o mito de que as pessoas negras eram sub-humanas e merecia ser escravizadas:

“... Aqui é uma ideologia, um sistema de ideias falsas servindo interesses de classe”⁸.

⁶ Williams, pp 18-9, 23-29.

⁷ Bill Freund, 1984, *The Making of Contemporary Africa: the Development of African Society since 1800*. Indiana University Press. p. 51.

⁸ Fryer, p. 64.

O racismo foi usado para justificar a captura e escravização perpétua de milhões de pessoas para os propósitos do capitalismo. A escravização dos nativos americanos tinha sido justificada como sendo em razão de suas crenças pagãs; Servidão Europeia foi justificada como sendo o destino dos inferiores; A escravidão negra foi justificada através do racismo.

Uma vez desenvolvido, ideias racistas passaram a ser usadas de forma mais ampla como uma justificativa para a opressão. O povo judeu, por exemplo, passou a ser oprimido como uma minoria racial, ao invés de como um grupo religioso.

Os beneficiários da escravidão não eram europeus em geral, mas as classes dominantes capitalistas da Europa ocidental. As classes dominantes africanas também receberam benefícios substanciais. Havia claro, o grande número de europeus contratados ou escravizados. Havia também os marinheiros do “*Middle Passage*” cujas condições, de acordo com Williams, “*mal se distinguiam da escravidão*”. Por fim, havia um grande número de “*pobres brancos*”, camponeses das Américas (alguns dos quais eram ex servos) que estavam superados em relação a concorrência e levados para as margens diante das gigantes plantações cujas bases de trabalho eram escravistas⁹. A grande maioria dos europeus nunca possuiu escravos: apenas 6 por cento dos brancos possuíam escravos na América do Sul em 1860¹⁰, haviam também proprietários de escravos americanos, afro-americanos, e nativos.

⁹ Williams, pp 23-6; Huberman, p. 167-8.

¹⁰ Williams, pp 23-6; Huberman, p. 167-8.

Raça e Império

O racismo nasceu, portanto, da escravidão do capitalismo primitivo. No entanto, tendo sido criado, os desenvolvimentos subsequentes no capitalismo iriam manter e esconder esta criatura da classe dominante.

A extensão do poder capitalista sobre a África e a Ásia ocorreu em grande parte, a partir do século XVII em diante, na forma do imperialismo¹¹. Inicialmente, a conquista imperial foi muitas vezes realizada diretamente por grandes empresas, como a Companhia Britânica das Índias Orientais (na Índia) e a Companhia Holandesa das Índias Orientais (na África do Sul, entre outros lugares). Mais tarde os governos capitalistas assumiram diretamente, notadamente na conquista da maior parte da África a partir de 1880.

O imperialismo neste período foi impulsionado pela busca de lucros: inicialmente, os lucros de controle do comércio; mais tarde, pela necessidade das grandes corporações de fontes de trabalho e matérias-primas baratas, e pela necessidade de encontrar novos mercados para vender produtos manufaturados.

Ideias racistas foram novamente utilizadas no serviço, para justificar o processo de conquista imperial e seu domínio. O controle imperial foi justificado com os supostos motivos de que africanos e asiáticos (e com outros povos colonizados, como os irlandeses) foram incapazes de governar ou desenvolverem-se, e precisavam ser governados por forças externas - ou seja, as classes dominantes da Europa Ocidental e Japão¹². Igualdade de direito não era visto como sendo possível nesta visão de mundo.

¹¹ Ver Freund, para uma discussão da experiência africana.

¹² Fryer, pp 61-81.; Freund.

O Império não beneficia os trabalhadores nas colônias, nem nos países imperialistas. Os lucros do império são para a classe capitalista¹³. Enquanto isso, os métodos e as forças de repressão colonial foram mobilizados contra os trabalhadores nos países imperialistas (principalmente, o uso de tropas coloniais para esmagar a Revolução Espanhola), enquanto vidas e recursos materiais foram desperdiçados em aventuras imperialistas. Hoje, as empresas multinacionais reduzem empregos e salários, deslocando-se para o terceiro mundo, com repressivos regimes e clientes.

Racismo hoje

Claramente, o capitalismo deu origem ao racismo. O racismo como uma ideia ajudou a justificar imperialismo e escravidão. O racismo como uma forma de discriminação ou opressão facilitou altos níveis de exploração, e por isso tem sido um fator importante para o desenvolvimento do capitalismo.

Hoje, tanto a escravidão e os impérios formais foram derrubados - e isto foi em grande parte o resultado de lutas de milhões de trabalhadores, camponeses e escravos contra a opressão. Revoltas de escravos fazem parte da história da luta de classes contra o capitalismo. A resistência do camponês e do trabalhador ao colonialismo são igualmente assim, embora deve-se notar que a maioria das lutas anti-coloniais foram impedidas de chegar a sua conclusão necessária - a revolução socialista - por determinação das elites locais para chegar a um acordo com o capitalismo e o imperialismo.

No entanto, embora essas lutas removidas as estruturas formais racistas da escravidão e do império, não sepultaram o racismo.

¹³ E não para os trabalhadores como Fryer afirma, pp 54-5. Estes argumentos são criticados em maior detalhe no *WSF Position Paper* em "*Anti-Imperialism*". on-line em www.zabalaza.net

Racismo - como uma ideia e como prática - continua a servir como duas funções-chave no capitalismo.

A primeira, ele permite que os capitalistas possam ter fontes de trabalho barato, desorganizado e altamente explorável. Exemplos importantes são os imigrantes e as minorias.

Sujeito a discriminação racista, eles formam um segmento da classe trabalhadora que tem sido descrito como “*super-explorados*”, proporcionando altos níveis de lucro para os capitalistas. Em tempos de crise capitalista (como hoje), estes segmentos são mais prontamente privados de direitos políticos e sociais, os primeiros a caírem no ataque global sobre a classe trabalhadora.

Em segundo lugar, o racismo permite que a classe dominante capitalista divida e governe as classes exploradas.

Do outro lado do planeta, milhares de milhões de trabalhadores e camponeses sofrem as chicotadas do capitalismo. O racismo é usado para fomentar divisões dentro da classe trabalhadora, para ajudar a manter a classe dominante no poder.

Praxedis Guerrero, um grande anarquista mexicano, descreveu o processo da seguinte forma¹⁴:

“O preconceito racial e de nacionalidade, claramente gerido pelos capitalistas e tiranos, evita os povos viverem lado a lado de uma forma fraternal... Um rio, uma montanha, uma linha de pequenos monumentos são suficientes para conservar estrangeiros e fazer inimigos dois povos, vivendo em desconfiança e inveja um do outro por causa dos atos de gerações passadas. Cada nacionalidade finge estar acima da outra de alguma forma, e as classes

¹⁴ Programa de la Liga Pan-Americana del Trabajo em Artículos de Combate, p. 124-5, citado em D. Poole, "The Anarchists and the Mexican Revolution, parte 2: Praxedis G. Geurrero 1882-1910", Anarchist Review, no. 4. Cienfuegos Press.

dominantes, os guardiões da educação e da riqueza das nações, alimentam o proletariado com a crença da superioridade e do orgulho estúpido para fazer impossível a união de todas as nações que estão lutando separadamente para libertar-se do Capital. Se todos os trabalhadores das diferentes nações tivessem participação direta em todas as questões de importância social que afetam um ou mais grupos proletários, essas perguntas seriam felizes e prontamente resolvidos pelos próprios trabalhadores”.

Isso acontece não somente entre populações majoritárias e minorias super-exploradas, mas também entre as classes trabalhadoras de diferentes países. Os trabalhadores são orientados a culpar e odiar outros trabalhadores - distintos pela cultura, língua, cor da pele, ou alguma outra característica arbitrária - por sua miséria. Um exemplo clássico é o bode expiatório de culpar imigrantes e refugiados de “*tirar empregos e habitação*”.

Desta forma, a raiva dos trabalhadores é desviada para outros trabalhadores (com quem eles têm quase tudo em comum) em vez de ser dirigida contra os capitalistas (com os quais os trabalhadores não têm nada em comum). Um aspecto de interesse comum é criado entre trabalhadores e patrões de uma determinada raça ou nação.

Quem se beneficia?

O racismo não beneficia nenhum trabalhador. Mesmo os trabalhadores que não estão se diretamente oprimidos pelo racismo perdem para o racismo porque este divide a classe trabalhadora. Trabalhadores brancos norte-americanos, por exemplo, de modo algum têm benefícios a partir da existência de uma minoria pobre e oprimida de trabalhadores afro-americanos que podem ser usadas para reduzir salários e condições de trabalho e de vida.

Além disso, atitudes racistas tornam muito difícil a união dos trabalhadores contra os capitalistas, para desafiar a distribuição geral da riqueza e do poder na sociedade. O racismo foi usado repetidas vezes para quebrar as lutas dos trabalhadores.

Quanto mais a classe trabalhadora é dividida, pior o seu estado geral será. Este ponto, que foi repetidamente pelo movimento anarquista clássico¹⁵, foi confirmado em um estudo realizado por um sociólogo americano que se propôs a testar a proposição de que os trabalhadores brancos ganham de racismo¹⁶.

Comparando a situação de trabalhadores brancos e negros em todos os cinquenta estados americanos, encontrou, em primeiro lugar, que a menor distinção salarial era contra trabalhadores negros, e a maior foram os salários que os trabalhadores brancos recebiam. Em segundo lugar, ele descobriu que a existência de um grupo substancial de trabalhadores pobres e oprimidos nacionalmente, reduziu os salários dos trabalhadores brancos (mas não afetou muito os ganhos da classe média-alta branca). Finalmente, ele descobriu que quanto mais intensa a discriminação racial foi, mais houve pobreza para os brancos de classe baixa.

Tais fatos se defrontam frente as estratégias políticas que afirmam que a população majoritária de trabalhadores recebem benefícios materiais do racismo. A lógica deste argumento é que esses privilégios devem ser “renunciados” antes da unidade da classe trabalhadora ser possível. Tal argumento pressupõe que os capitalistas adotaram uma estratégia que beneficia sistematica-

¹⁵ Por exemplo, Ricardo Flores Magón e outros, *To the Workers of the United States*, November 1914, produzido por *Appendix A*, em Colin Maclachlan, 1991, *Anarchism and the Mexican Revolution: the Political Trials of Ricardo Flores Magón in the United States*. University of California Press. p. 123.

¹⁶ Al Szymanski de 1976, “*Racial Discrimination and White Gain*”, em *American Sociological Review*, 41.

mente a maioria dos trabalhadores, uma noção mais improvável (e, como vimos acima, insustentável). Além disso, este argumento implica que a tarefa política imediata é uma redistribuição de riqueza entre os trabalhadores ao invés de uma luta de classes contra o capitalismo.

Ou seja, ele exorta a maioria dos trabalhadores para lutar por piores condições. Finalmente, esta abordagem confunde duas coisas muito diferentes: A opressão e os privilégios. Embora seja obviamente verdade que alguns trabalhadores não experimentaram diretamente a opressão racial, não se segue que eles se beneficiam dela. Os dois termos são distintos: enquanto ele é oprimido por estar sujeito a baixos salários, não é um privilégio ter um salário digno.

Por que ideias racistas são aceitas?

Nenhum dos argumentos apresentados até agora neste artigo nega a possibilidade de que as minorias da classe trabalhadora podem receber benefícios temporários da opressão racial em circunstâncias específicas. Um caso em questão seria a pequena classe trabalhadora branca na África do Sul entre os anos 1920 e 1980, que recebeu benefícios reais do apartheid.

Mas, como regra geral, a opressão racial é fundamentalmente contra os interesses da maioria dos trabalhadores de todas as cores.

Reconhecer o papel principal das classes dominantes capitalistas (auxiliados por seus Estados) no fomento e beneficiamento por conta da opressão racial não é negar que pessoas da classe trabalhadora, muitas vezes apoiam o racismo. O racismo é muito difundido. No entanto, esse apoio para o racismo é um exemplo de pessoas da classe trabalhadora agindo contra seus próprios interesses, ao invés de evidências de que os trabalhadores beneficiam de racismo.

No entanto, se o racismo não oferece benefícios para os trabalhadores, como podemos explicar esse apoio para as ideias essencialmente irracionais de racismo?

A resposta é que existem forças materiais muito reais na sociedade capitalista que operam para promover o apoio a estas ideias.

O primeiro fator é o controle capitalista sobre ideias. Para os capitalistas, não basta governar pela força, eles também, em regra, promovem uma visão de mundo capitalista. Aqui devemos considerar, como Praxedis argumentou acima, como “*as classes dominantes, os guardiões da educação e da riqueza das nações*” (...) “*alimentam o proletariado com a crença de superioridade e orgulho estúpido*”: O papel das escolas, a mídia, literatura e assim por diante. O impacto dessa propaganda não pode ser subestimada. O segundo fator é as condições materiais da própria classe trabalhadora. Sob o capitalismo, a classe operária sofre pobreza, alienação e miséria.

“Da mesma forma que os trabalhadores possam ter consolo da religião, eles também podem procurar a compensação imaginária da suposta superioridade racial”, “a crença de superioridade e orgulho estúpido” (nas palavras PRAXEDIS).

Além disso, a classe trabalhadora está trancada em uma acirrada competição por um período limitado de postos de trabalho, habitação e outros recursos. Nesta situação, eles podem culpar os outros grupos da classe trabalhadora por sua situação. Caso os outros grupos sejam culturalmente ou fisicamente distintos na aparência, esse ressentimento e a competição podem ser expressa em termos racistas. Por isso, o ponto de vista, por exemplo, que “*eles*” vão “*tomar nosso emprego*”.

O Oprimido dividido

Como acima exposto, fica claro que o racismo é um produto do capitalismo, e, fundamentalmente, contra os interesses da classe operária e do campesinato. São os capitalistas aliados confiáveis do grupo oprimido na luta contra o racismo? A resposta curta é, não, eles não são. Os efeitos do racismo são fundamentalmente mediados pela posição de classe. Tomando o caso dos Estados Unidos: Embora as rendas médias nacionais dos brancos e dos negros mostrem um grande abismo entre os dois, quando a classe é levada em conta, as desigualdades materiais entre branco e trabalhadores negros são mostrados a ser bastante limitada; feita a partir de outro ângulo, a diferença entre as condições de ambos os conjuntos de trabalhadores, de um lado, e os da classe superior, por outro lado, são bocejantes¹⁷.

Michael Jackson ainda pode enfrentar o racismo, mas a sua riqueza e poder como um capitalista protege-o dos piores efeitos do racismo. As escolas particulares, advogados, altos rendimentos - todos esses fatores não podem ser ignorados. Talvez mais importante, os interesses de classe de tais elites os amarram a apoiar o próprio sistema capitalista. Xerifes negros, prefeitos e oficiais do exército são tão defensores do capitalismo quanto seus homólogos brancos. Tais estratos prontamente se comprometem com o poder que for, se ele vai dar-lhes uma chance de estar “*na raquete e na corrida*”.

¹⁷ N. Chomsky, 1994, *Keeping the Rabble in Line*. AK Press. pp. 105-6.

Luta contra o racismo

É o capitalismo que gera continuamente as condições de opressão racista e ideológica. Segue-se que a luta contra o racismo só pode ser consistentemente realizada pela classe operária e campesina: as únicas forças capazes de derrubar o sistema capitalista. A derrubada do capitalismo em si fundamentalmente mina as fontes sociais do racismo. A derrubada do capitalismo no entanto, exige a unificação da classe operária e do campesinato internacionalmente, em todas as linhas de cor e nacionalidade.

Além disso, o esmagamento do capitalismo e o estabelecimento do socialismo libertário permitirá que os vastos recursos atualmente acorrentados às necessidades de exploração dos ricos possam ser colocados sob o controle dos trabalhadores e pessoas pobres de todo o mundo. Sob o comunismo libertário, será possível usar esses recursos para criar igualdade social e econômica para todos, assim, finalmente, permitindo que as desfigurações de opressão racial sejam tiradas da face da terra.

No entanto, este artigo não é de forma alguma uma argumentação que a luta contra o racismo deva ser adiada até depois da revolução. Em vez disso, ele argumenta que, por um lado, apenas a classe trabalhadora unida pode derrotar o racismo e o capitalismo; por outro, uma classe trabalhadora unida só pode ser construída com base em oposição a todas as formas de opressão e preconceito, ganhando, assim, o apoio de todos os setores da ampla classe trabalhadora.

Em primeiro lugar, é claro que o racismo só pode ser combatido em uma base de classe. É do interesse de todos os trabalhadores apoiarem a luta contra o racismo. O racismo é uma questão da classe trabalhadora porque afeta as condições de todos os trabalhadores, porque a maioria das pessoas afetadas pelo racismo está trabalhando, e porque, como indicado acima, são os

membros da classe trabalhadora dos grupos racialmente oprimidos, que são os mais severamente afetados pelo racismo.

A unidade da classe trabalhadora também é do interesse dos segmentos operários racialmente oprimidos, as alianças com a classe trabalhadora mais ampla não só reforçariam a sua própria posição, mas também ajudariam a estabelecer a base para o assalto ao capitalismo. Sem negar, no mínimo, o heroísmo, e, em alguns casos, radicalizando papel desempenhado pelos movimentos de minorias, é bastante óbvio que uma minoria de, digamos, 10 por cento da população não tem a capacidade de derrubar as condições existentes em seu próprio meio¹⁸.

Essa unidade é particularmente vital no local de trabalho, onde é quase impossível para os sindicatos de trabalhadores de minorias funcionarem.

Em segundo lugar, a unidade da classe trabalhadora só pode, no entanto, ser construída sobre a base de uma oposição firme a todas as formas de racismo. Se outros setores da classe trabalhadora não se oporem ao racismo, eles criarão uma situação em que os nacionalistas podem colocar segmentos racialmente oprimidos na desorientação e outros capitalistas minoritários nos jogos fúteis das campanhas “*Buy Black*” ou para angariar votos. Baseadas no recorte de classe e alternativas anarquistas devem apresentar uma alternativa viável para que possam ganhar apoio.

Nossas tarefas

Trabalho anti-racista deve ocupar uma alta prioridade nas atividades de todos os anarquistas de luta de classe. Isto é importante não só porque nós sempre opomos toda a opressão, e porque os anarquistas têm sido adversários

¹⁸ Ver sobre este ponto, “*Race, Class and Organisation: the view from the Workers Solidarity Federation (South Africa)*”, 1997, Black Flag, no. 212.

do racismo. É também porque esse tipo de trabalho é essencial para a tarefa vital de unificar e conscientizar a classe operária - uma unidade, sem a qual nem o racismo, nem o capitalismo pode ser remetido para os livros de história.

A nível geral, podemos abordar essas tarefas de trabalho ativo nas lutas anti-racistas e campanhas, incluindo o trabalho ao lado das forças não-anarquistas (sem, é claro, entregar a nossa independência política), e pela propaganda contínua contra o racismo em nossas publicações, locais de trabalho, sindicatos e comunidades.

O local de trabalho e os sindicatos são locais particularmente importantes para a atividade: É aqui que o capitalismo cria a maior pressão para a unidade dos trabalhadores através de todas as barreiras, e é aqui que o movimento operário permanece ou cai com base em sua capacidade de lidar com a necessidades de toda a sua circunscrição.

Podemos abordar essas tarefas, aumentando, por um lado, as exigências que se aplicam igualmente a todos os trabalhadores (melhores salários, direitos sindicais, completa oposição à parceria social, etc), e aumentando, por outro, as exigências que abordam especificamente as necessidades do segmento da classe trabalhadora racialmente oprimidos. (igual escolaridade, igualdade à habitação, não às barreiras raciais na indústria etc.).

Assim, devemos lutar por “*melhores condições de moradia para todos! Não à segregação!*”, por exemplo. O alvo de tais exigências, é claro, deve ser os patrões, embora em nenhum caso deve a concessão mais ínfima ser realizada para aumentar os preconceitos raciais por parte de todos os trabalhadores.

Não há contradição entre a luta de classes e da luta contra o racismo. Nem pode ter sucesso sem o outro.

